

Morfologia do Nome e do Verbo

1. A colocação pronominal é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos e vos. Esses pronomes podem assumir três posições na oração em relação ao verbo. Próclise, quando o pronome é colocado antes do verbo, devido a partículas atrativas, como o pronome relativo. Ênclise, quando o pronome é colocado depois do verbo, o que acontece quando este estiver no imperativo afirmativo ou no infinitivo impessoal regido da preposição “a” ou quando o verbo estiver no gerúndio. Mesóclise, usada quando o verbo estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito. A mesóclise é um tipo de colocação pronominal raro no uso coloquial da língua portuguesa. No entanto, ainda é encontrada em contextos mais formais, como se observa em:

- Não lhe negou que era um improviso.
- Faz muito tempo que lhe falei essas coisas.
- Nunca um homem se achou em mais apertado lance.
- Referia-se à D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum outro autor?
- Acabou de chegar dizendo-lhe que precisava retornar ao serviço imediatamente.

2.

COM NICIGA, PARAR DE FUMAR FICA MUITO MAIS FÁCIL

- Fumar aumenta o número de receptores do seu cérebro que se ativam com nicotina.*
- Se você interrompe o fornecimento de uma vez, eles enlouquecem e você sente os desagradáveis sintomas da falta do cigarro.*
- Com seus adesivos transdérmicos, Niciga libera nicotina terapêutica de forma controlada no seu organismo, facilitando o processo de parar de fumar e ajudando a sua força de vontade. Com Niciga, você tem o dobro de chances de parar de fumar.*

Revista Época, 24 nov. 2009 (adaptado).

Para convencer o leitor, o anúncio emprega como recurso expressivo, principalmente,

- as rimas entre Niciga e nicotina.
- o uso de metáforas como “força de vontade”.
- a repetição enfática de termos semelhantes como “fácil” e “facilidade”.
- a utilização dos pronomes de segunda pessoa, que fazem um apelo direto ao leitor.
- a informação sobre as consequências do consumo do cigarro para amedrontar o leitor.

3. Alguns estudos sobre fenômenos de mudança no Português brasileiro mostram que a forma “a gente” originou-se de um substantivo, “gente”, que, ao assumir, em certos contextos discursivos, determinados valores, passou a fazer parte de outra classe, a dos pronomes. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização, que, *grosso modo*, ocorre quando um item lexical se torna um item gramatical, ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. Um desses estudos

indica que, ao longo do tempo, o substantivo “gente” foi perdendo a especificação de número e de certas propriedades sintáticas e ganhando traços de pronome.

Considere dois grupos de exemplos relativos aos traços de número e ao arranjo sintático.

Grupo A

- 1a. Quem viu o mundo como eu vi viu as gentes como eram.
- 2a. E sua gente foi com ele.
- 3a. Esta gente anda não se sabe para onde.
- 4a. Todas as gentes da aldeia ficaram arrasadas.

Grupo B

- 1b. E hoje a gente mora junto, por assim dizer.
- 2b. A gente pegou a estrada.
- 3b. A gente vai mudar as nossas coisas para outro lugar.
- 4b. O que a gente comia muito lá é sanduíche e sopa.

Considerando o texto e os grupos de exemplos apresentados, assinale a opção correta.

- a) Quanto à flexão de número, os exemplos do grupo A não apresentam, com nitidez, a distinção pertinente a esse traço.
- b) Quanto à flexão de número, os dados do grupo B não trazem casos de “gente” flexionados.
- c) Quanto ao arranjo sintático, nos exemplos do grupo A, a expressão “gente” ocorre sem modificadores, característica dos pronomes.
- d) Quanto ao arranjo sintático, nos exemplos do grupo B, “a gente” ocorre com diferentes modificadores, o que indica seu caráter de substantivo comum.
- e) De acordo com as informações do texto, a ordem diacrônica do português deve ser evolução da gramática do grupo B para a do grupo A.

4. Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Linsker. Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo. National Geographic Brasil. Adaptado.

Ao reproduzir um diálogo, o texto incorpora marcas de oralidade, tanto de ordem léxica, caso da palavra “garra”, quanto de ordem gramatical, como, por exemplo,

- a) “lanço à queima-roupa”.
- b) “Agora você me pegou”.

- c) “deixa eu ver”.
- d) “Bogotá é muito feiosa”.
- e) “é algo que me toca”.

5. Constatar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos. Uma, autoritária, tenta impedir que a leitura se espalhe por todos, para que não se tenha de compartilhar o poder. Outra, democrática, defende a expansão da leitura para que todos tenham acesso a essa parcela de poder.

Do jeito que a alfabetização está conseguindo aumentar o número de leitores, paralelamente à expansão da produção editorial que está oferecendo material escrito em quantidades jamais imaginadas antes, e ainda com o advento de meios tecnológicos que eliminam as barreiras entre produção e consumo do material escrito, tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será? Na verdade, creio que ela se abre sobre outras questões. Que tipo de alfabetização é esse, a que tipo de leitura tem levado, com que tipo de utilidade social?

(MACHADO, Ana Maria. www.dubitoergosum.xpg.com.br)

Observe o trecho: *tudo levaria a crer que essa questão está sendo resolvida. Será?*

O emprego da forma verbal “levaria” e a forma interrogativa que se segue – “Será?” – sugerem um procedimento argumentativo, empregado no texto.

Esse procedimento está explicitado em:

- a) a exposição de um problema que será detalhado
- b) a incerteza diante de fatos que serão comprovados
- c) a divergência em relação a uma ideia que será contestada
- d) o questionamento sobre um tema que se mostrará limitado

6. *Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.*

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias.

Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

- “era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo”.
- “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.
- “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.
- “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro”.
- “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

A chegada

E quando cheguei à tarde na minha casa lá no 27, ela já me aguardava andando pelo gramado, veio me abrir o portão pra que eu entrasse com o carro, e logo que saí da garagem subimos juntos a escada pro terraço, e assim que entramos nele abri as cortinas do centro e nos sentamos nas cadeiras de vime, ficando com nossos olhos voltados pro alto do lado oposto, lá onde o sol ia se pondo, e estávamos os dois em silêncio quando ela me perguntou “que que você tem?”, mas eu, muito disperso, continuei distante e quieto, o pensamento solto na vermelhidão lá do poente, e só foi mesmo pela insistência da pergunta que respondi “você já jantou?” e como ela dissesse “mais tarde” eu então me levantei e fui sem pressa pra cozinha (ela veio atrás), tirei um tomate da geladeira, fui até a pia e passei uma água nele, depois fui pegar o saleiro do armário, me sentando em seguida ali na mesa (ela do outro lado acompanhava cada movimento que eu fazia, embora eu displicente fingisse que não percebia), e foi sempre na mira dos olhos dela que comecei a comer o tomate, salgando pouco a pouco o que ia me restando na mão, fazendo um empenho simulado na mordida pra mostrar meus dentes fortes como os dentes de um cavalo, sabendo que seus olhos não desgrudavam da minha boca, e sabendo que por baixo do seu silêncio ela se contorcia de impaciência, e sabendo acima de tudo que mais eu lhe apetecia quanto mais indiferente eu lhe parecesse, eu só sei que quando acabei de comer o tomate eu a deixei ali na cozinha e fui pegar o rádio que estava na estante lá de casa, e sem voltar pra cozinha a gente se encontrou de novo no corredor, e sem dizer uma palavra entramos quase juntos na penumbra do quarto.

(NASSAR, Raduan. Um copo de cólera. São Paulo: Cia das Letras, 1992, pp. 9-11.)

7. Em textos que reproduzam o registro coloquial, são frequentes os desvios em relação à norma culta do idioma. Retire do texto acima um trecho em que se encontre um exemplo de:

- colocação pronominal inadequada.
- falta de paralelismo entre as pessoas do discurso empregadas.

8.

I — (...) e estávamos os dois em silêncio quando ela me perguntou (...).

II — (...) e como ela dissesse “mais tarde” eu então me levantei e fui sem pressa pra cozinha (...).

Com base nos trechos acima, dê o que se pede.

- a) Explique a relação semântica entre os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo no trecho I.
- b) Qual é o valor semântico de como no fragmento II?

Gabarito

1. D
2. D
3. B
4. C
5. C
6. B
7. a) “me sentando em seguida ali na mesa”
b) “a gente se encontrou de novo no corredor, e sem dizer uma palavra entramos”
8. a) O pretérito imperfeito “estávamos” demarca o estado permanente entre emissor e receptor; o perfeito “perguntou” representa uma ação pontual que rompe esse estado de equilíbrio.
b) Causa.